Cadernos de estágio

Teatro na escola: um relato do estágio da licenciatura em Teatro no Núcleo de Educação da Infância - NEI-CAp/UFRN

Denis Silva Castro[1]
Danielle Medeiros de Souza[2]
Rivaldo Bevenuto de Oliveira Neto[3]



Informações

1 Mestre em Educação. Foi estagiário do NEI-CAp/UFRN na área de Teatro em 2019

2 Doutora e mestre em Educação. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e supervisora de estágio no NEI-CAP/UFRN.

3 Doutor e mestre em Educação. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e supervisor de estágio no NEI-CAP/UFRN.

Como citar este texto

CASTRO, D. S. .; SOUZA, D. M. de; NETO, R. B. de O. Teatro na Escola: : um relato do estágio da licenciatura em teatro no Núcleo de Educação da Infância - NEI-CAp/UFRN. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 3, 2024. DOI: 10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38697.

Cde
O estágio no Colégio de aplicação
a formação docente e os diálogos com a prática pedagógica

ISSN: 2763-6488

1.*ABRIR CAMINHOS E ESCREVIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO*

O presente relato de experiência são algumas reflexões do componente curricular Estágio Supervisionado de Formação de Professores I (Teatro) do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação e supervisão do Prof. Dr. Ildisnei Medeiros da Silva e o Professor Dr. Jefferson Fernandes Alves. O estágio foi realizado no Núcleo de Educação da Infância - NEI/CAp-UFRN, sob a supervisão dos professores Rivaldo Bevenuto e Danielle Medeiros no ano de 2019.

Este texto vai também na direção daquilo que Larrosa (2003) propõe que pensemos sobre nossas próprias experiências de escrita e leitura no mundo acadêmico, que se inspiram na figura do ensaísta, o qual é alguém para quem a leitura e a escrita "são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve" (Larrosa, 2003, p. 108).

Com intuito de situar o leitor, o estágio foi dividido em dois momentos igualmente relevantes, sendo um de observação e outro de intervenção pedagógica, em que privilegiamos a temática "Improvisação em Cena", no ensino de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, constituída por 20 crianças, sendo 13 meninas e 7 meninos, com faixa etária entre 8 e 9 anos.

Figura 1: Crianças da turma do 3º ano e estagiários Denis e Antônio no Laboratório de Artes Visuais e Teatro.



O Estágio Supervisionado de Formação de Professores é de suma importância para adquirir experiência no campo profissional (da Educação) e obter capacidade de organizar, planejar e executar uma aula na perspectiva do campo formal da educação. É no estágio que o estudante de uma licenciatura pode destrinchar e adaptar cada conteúdo, para turmas em específico. Desse modo, o professor em processo de formação adquire experiência para poder resolver os problemas e as adversidades apresentadas ao longo de sua formação. Outro ponto que podemos analisar a partir dos estágios, e um dos mais bonitos, é que o estudante da licenciatura passa a compreender a grande importância da educação para a vida, rompendo com paradigmas estabelecidos para uma sociedade excludente, mormente elitista.

Ressaltamos a importância da vivência no estágio, pois é essencial para a formação integral da prática docente, considerando que, cada vez mais, são requisitados profissionais com habilidades e competências para atuar nos espaços da educação. Sendo assim, seu desenvolvimento como profissional será bem mais valorizado, por construírem experiências pedagógicas de modo sensível e emancipador.

Assim, com o intuito de refletir criticamente sobre o processo formativo que trilhamos durante o estágio, compreendemos a importância de utilizarmos como estratégia de formação o recurso das narrativas autobiográficas. Desse modo, apostamos em potências de escrevivências, tomando emprestado o termo criado pela escritora Conceição Evaristo (Duarte; Nunes, 2020) para fundamentar os caminhos desse relato de experiência e com a possibilidade de dar sentido ao passado e ao presente, e até mesmo de ressignificar a própria formação inicial de professores de Arte/Teatro.

Nessa perspectiva, o texto está organizado de modo a se desdobrar na elaboração de pensamento da sala de aula como obra de arte, confluindo com a experiência vivenciada na turma do 3ª do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFRN.

O APRENDER COMO OBRA DE ARTE

Sob uma perspectiva imaginária, podemos afirmar que o NEI-CAp/UFRN se assemelha a uma escola do faz de conta, sendo um sonho que se torna realidade para a educação brasileira e potiguar. É uma escola que serve como referência em qualidade educacional, encantando crianças, famílias e profissionais da educação. O NEI oferece turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental e atua como Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, assumindo a responsabilidade de contribuir com a inovação pedagógica e com a formação docente.

Contudo, a experiência nesse lugar de referência, instaura um desejo faminto de aprender, assim mesmo como se fosse algo para comer. Segundo afirma Rubem Alves (2004, p. 19-20):

> O comer não começa com o queijo. O comer começa na fome de comer queijo. Se não tenho fome, é inútil ter queijo. [...] Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim affetare, quer dizer ir atrás. O "afeto" é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. (Alves, 2004, p.19-20)

Com o desejo faminto de aprender, lanço-me a esta escrita acadêmica querendo fazer dela um modo de potencializar a minha forma de habitar os espaços da educação e da vida.

No NEI, a ação pedagógica ocorre por meio do Tema de Pesquisa, organizado em três eixos: o contexto sociocultural,

a estrutura dos conhecimentos de área e os processos de construção de conhecimentos pelas crianças (Victor; Medeiros; Souza, 2020). Cada um desses eixos está integrado a uma metodologia de trabalho docente que se baseia em conhecimentos previamente produzidos sob diferentes perspectivas, promovendo uma reflexão sobre as possibilidades e expansões dos conteúdos das diversas áreas do conhecimento humano.

Atrelado à metodologia de trabalho dos professores, percebemos algo diferente no cotidiano das aulas, um princípio de trabalho no qual vivenciamos diariamente no trabalho artístico, a ludicidade, porém, Coutinho (2023) nos traz uma reflexão ampliada da ludicidade:

> Na área da educação, de modo geral, a ludicidade aparece quase que exclusivamente relacionada à criança pequena. Propondo uma ampliação dessa ideia, o Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender parte do princípio de que a ludicidade é inerente às experiências do aprender em qualquer idade que se tenha, na medida em que o aprender é uma experiência essencialmente lúdica, independentemente de ser criança ou não: trata-se do jogo que se estabelece entre alguém e um determinado saber. Em outras palavras: mesmo que se entenda geralmente que o lúdico é uma brincadeira (uma atividade) de criança, o jogo pode estar ligado às experiências mais profundas e complexas de alguém em seus processos de aprender, independentemente da idade que se tenha. Isso supera e amplia a ideia da ludicidade entendida simplesmente como diversão e entretenimento de criança. Uma aula ou outra atividade acadêmica que tem a ludicidade como princípio aposta no caráter essencialmente lúdico das relações que cada pessoa tem consigo e com o mundo quando se lança à aventura de ir além do seu próprio limite atual, pela via do aprender, em busca de algum outro possível que ela pode abrir para si. E, como toda aventura, isso implica algum risco e alguma exposição, que cada pessoa vai experimentando e ajustando em relação a si, na companhia de outros e outras" (Coutinho, 2023, p. 8-9).

Dessa forma, os professores brincavam junto com as crianças, tornando a brincadeira uma parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem. Assim, em minha vida profissional, nunca tive uma experiência tão singular e lúdica quanto a vivenciada no NEI.

Com o olhar analítico de observador, percebemos na condução dos professores algo inerente ao exercício teatral em suas propostas pedagógicas, por exemplo: na aula de matemática, os professores Daniele Medeiros e Rivaldo Bevenuto trabalhavam os conteúdos específicos da área de matemática, em uma abordagem de condução que se assemelha ao exercício teatral. A atividade ocorreu na brinquedoteca da escola, na qual eles tinham que vivenciar um faz de conta dirigido. As crianças estavam em uma loja, ou seja, a turma foi dividida em grupos, cada grupo tinha sua loja. Alguns grupos ficaram com as vendas na loja e outros com a responsabilidade de comprar.

Cada criança vestia-se de um personagem diferente e saía para comprar ou vender. As crianças que estavam na loja também eram personagens, elas eram vendedores, operador de caixa e repositor. Transformando a aula de matemática em uma verdadeira obra teatral, as crianças tinham que somar, subtrair, dividir e multiplicar as compras que as outras crianças faziam. Essa aula tor-

nou-se ainda mais rica pelo ambiente em que ocorreu, por se tratar de uma sala repleta de figurinos, cenários e se constituir um espaço todo preparado para elas brincarem e aprenderem.

Nessa aula em específico, podemos observar as coisas específicas do campo teatral: personagem, jogo e cena, caracterização de personagem, indumentária, ludicidade e dentre outros. A partir daí começamos a refletir que a própria aula que está acontecendo acaba se tornando uma obra de arte, indo em direção ao que os pesquisadores do coletivo Parabelo afirmam:

> Nessa perspectiva, para que uma aula possa vir à vida como uma obra de arte é justamente esse desvio que se faz necessário, imperioso e urgente: a aula propriamente dita deixa de ser lida apenas como representação, reprodução e repetição de conteúdos prontos e dados a priori, ao ser entendida como possibilidade de ação, transição e criação. (Kanashiro, Marques. 2018, p. 2-3)

Assim, foi possível vivenciar uma formação que integra profundamente as conexões entre arte e educação. Outro aspecto que nos chamou muito a atenção foi a liberdade que os professores supervisores oferecem aos professores em formação para atuarem com a turma. Fomos ajudando na organização da sala, conhecendo os alunos, suas dificuldades e cada particularidade daquele grupo de crianças.

A DOCÊNCIA ARTÍSTICA NO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

As aulas que acompanhamos, mediante o dia destinado ao nosso estágio, tinham quase sempre a mesma rotina: primeiro, uma aula de Educação Física; depois, aula de Teatro; seguida por lanche e intervalo; no segundo momento, havia uma pausa para relaxamento e leitura, seguida de uma atividade de alguma outra disciplina; depois, preenchiam a agenda; e, no final, participavam de uma roda de conversa (um momento de avaliação da aula como um todo). No entanto, essa rotina não era exaustiva; havia uma fluidez nas atividades que tornava o dia dinâmico e até prazeroso para as crianças. É costume no NEI valorizar a fala das crianças, dando espaço para que compartilhem suas experiências de vida e para que possam atuar como protagonistas dos processos de ensinar e de aprender.

Chegada a nossa hora de atuação, que seria mediada por dois estagiários iniciantes na docência em Teatro, junto ao parceiro de turma, Antônio Brito, também estudante do curso de Licenciatura em Teatro e policial de profissão, optamos por direcionar as nossas intervenções para auxiliar na produção dos curtas (filmes) que já estavam em andamento: uma atividade que as crianças já estavam fazendo como um desdobramento do tema de pesquisa “Cinema e fotografia”, com a mediação dos pro-

fessores titulares. Nesse sentido, a nossa intenção pedagógica era trabalhar o corpo e a atuação do elenco, tomando como referência o princípio da improvisação para conduzir os trabalhos junto às crianças.

Dividimos a intervenção em três partes, utilizando como metodologia de ensino a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2010): a primeira parte foi o momento de contextualização, na qual falamos do projeto, da temática que íamos seguir, e explicamos os 7 aspectos da espontaneidade (Spolin, 2005) para desenvolver o trabalho de atuação com as crianças. A segunda parte foi o momento de ***fazer*** o jogo, usamos um exercício de improvisação que era a caixa mágica, a qual continha vários objetos para estimular a criatividade de improvisar e a possibilidade de contar história.

Figura 2: Crianças improvisando a partir dos objetos da Caixa Mágica.



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2019).

A terceira parte foi o momento da apreciação do nosso objeto de estudo, para que eles entendessem que para improvisar, precisa-se entender o campo de atuação, qual a temática, precisa de material de referência para improvisar com refinamento. Dito isto, apresentamos às crianças o figurino e falamos sobre a nossa cena improvisada, o "AVANAR".

Esta cena foi inspirada no personagem Groot, do filme Guardiões da Galáxia. A ideia de trazer esse personagem era criar uma conexão com o tema de pesquisa que estava sendo trabalhado na sala de aula: "Cinema e fotografia". A partir dos filmes, novelas e desenhos animados, as crianças podiam utilizar esses elementos como referência para compor cenas e realizar jogos de improvisação.

Figura 3: Antonio Brito experimentando o AVANAR junto a crianças.



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2019).

Diante das tantas atividades realizadas no estágio e na intervenção peda-

gógica desenvolvida, afirmamos que, dentre muitas potencialidades do que foi experienciado, foi possível tecer relevantes reflexões sobre a prática pedagógica no ensino de Arte/Teatro. Essa experiência formativa no NEI, escola em que se aprende a ensinar brincando, promove a construção de saberes e fazeres necessários ao trabalho de qualidade junto às crianças, valorizando suas motivações e sua criatividade. Destacamos de maneira significativa a relevância desta escola ao abrirem suas portas para os estágios dos cursos de licenciatura, dando a possibilidade de uma formação sensível, poética e afirmativa, ampliando os sentidos da reflexão e da ação docente durante a formação inicial de tantos professores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender.** Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

BARBOSA, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira da (Orgs.). (2010) **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais.** São Paulo: Cortez. ISBN 978-85- 249-1664-9.

COUTINHO, Karyne Dias. **Ludicidade como princípio acadêmico**: a conversa como jogo no II CIPA. Manzuá, Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, PPGARC/UFRN. Natal-RN, v. 6, n.º 1, 2023 (Dossiê Poéticas do Aprender).

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

KANASHIRO, Bárbara; MARQUES, Diego. **Corpos inconformados**: Arte e educação nas práticas artísticas contemporâneas. BAPTISTA, Ana Maria Haddad; ANDRÉ, Carminda Mendes (Orgs.). Para o chão da sala de aula. São Paulo: BT Acadêmica, 2018.

LARROSA, Jorge. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Educação & Realidade, v.28, n.2, pp.101-115, jul./dez., 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si:** estágio e narrativas de formação. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador/BA: UNEB, 2006.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro** / Viola Spolin; [tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos] São Paulo: Perspectiva, 2005.

VICTOR, Analice Cordeiro dos Santos; MEDEIROS, Suzana Brito; SOUZA, Daniele Medeiros de. **Tema de pesquisa**: uma Abordagem temática de currículo. Natal: SEDIS - UFRN, 2020.in: CORDEIRO, Sandro da Silva. Caderno faça e conte. - Natal: SEDIS-UFRN, 2020.